

ABEL
NEVES

Algueres entre
a resposta
e a interrogação

em volta do teatro



Título: *Alguns entre a resposta e a interrogação*

© Abel Neves e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2002

ISBN: 972-795-029-9

Abel Neves

Algures entre a resposta
e a interrogação

(em volta do teatro)

Cotovia

Índice

O perfume no teatro	p. 9
Algures entre a resposta e a interrogação	11
Verdades em Sófocles	14
Love Story Hotel precisa-se	23
No teatro, o texto tira os pecados do mundo?	31
O potencial estético das andorinhas	37
Sei que és astrónomo mas interessa-me falar de hortas	43
O texto para o teatro, uma natureza morta, digo	49
Quando os poetas andam no teatro	54
Do mundo como cenário ou Da preguiça em compreender	58
Além, no teatro	68
Cada vez mais perto da produção de células imortais	70
O que distingue um teatro de um estádio ou de uma arena ou da rua ou de uma sala com sofá?	76
<i>Boops Boops</i> é nome de boga-do-mar	83

O perfume no teatro

Parece-me que o saber é anónimo. Ou tem disfarces que o teatro proclama às vezes. Vivemos talvez essa esperança, que é a de reunir pessoas dispostas a entenderem-se, isto é, a jogarem ideias e prazeres num lugar pré-definido para a representação e que aguente não só as dores do mundo como também o nosso entretenimento, andando nele. No teatro somos convidados para um baile dos sentidos, todos sem excepção, criadores e espectadores, e se o entusiasmo for partilhado tanto melhor para o conhecimento da nossa intimidade nos dias que vão por aí. O teatro propõe visões e reflexos, o que não é nada mau e ainda por cima numa época disposta a varrer com novas tecnologias muitas das configurações que até hoje enquadraram os nossos passos. É hora de falar de actores virtuais e a verdade é que eles sempre

existiram. Basta pensar na história do teatro e convocar ao nosso gosto contemporâneo aquele genuíno prazer do actor quando, esquecido de si, oferece a outros o seu perfume, tal qual uma flor, se quisermos uma igualdade feliz. Na presença desses realizadores de espectáculo, o público ri ou geme quanto quer ou pode. É da lei, da arte mestra de manobrar os tais sentidos para o baile, e tantas vezes, insisto, com a vontade apenas de largar perfume. Se o mundo é aborrecido deve culpar-se quem? Se permite fomes e desgraças que divindade devemos acusar?

O teatro vive com a geografia que tem. E na geografia estão os povos, e as intimidades. Acredito que para amar as coisas universais, isto é, os emblemas da alma humana igualmente reconhecíveis numa cidade da China, na minha aldeia de Pitões das Júnias e aqui em S. Paulo, basta ser-se simpático com a intimidade de quem nos ouve. Escutar tem a beleza das recomendações indizíveis que os lugares oferecem exportando sabedorias.

É o tal saber anónimo com que comecei este texto e o teatro é, como se sabe, um lugar.

Algures entre a resposta e a interrogação

Em que lugar da minha ignorância vou encontrar conforto se inesperadamente me perguntam: no inverno a figueira tem folhas? Há demasiadas coisas que provam que sou ignorante e, no entanto, quando decido iniciar um texto há um semáforo que acende sempre a luzinha amarela. Há vantagem neste atrevimento, embora cauteloso. Está por saber quem é o imperador nesta sinalização semafórica e o movimento das escritas até parece uma altiva reacção a uma passagem de Molière, pela boca de Scapin, na obra *As Aventuras de Scapin*: “Odeio os corações cobardes que, à força de preverem as consequências desagradáveis, nunca se decidem a nada”. Portanto, mesmo com as demasiadas coisas profetizando ignorância, nós escrevemos.

Um dia, o discípulo encontra o mestre suspenso num abismo, as mãos amarradas nas cos-

tas, segurando-se com a boca a um resistente ramo na parede do penhasco, e pergunta-lhe, “Mestre, o que é o Zen?”

Onde vou com esta interrogação? Por exemplo, à lembrança de uma situação de facto corrente e que não escolhe protagonistas: estar ao telefone. Para onde olhamos quando estamos concentradamente falando ao telefone? Há um vazio nessa concentração e nesse olhar que produz energia. É esta energia que é detectada no outro lado da linha se por acaso nos desviamos desse vazio, se damos atenção, por exemplo, ao gato, ou a um texto que lemos enquanto ouvimos o outro. Não é só a nossa mudez que o outro detecta: também é capaz de intuir a nossa ausência. Que ligação é esta? Que dizemos no que escrevemos falando desse vazio ou da ignorância?

Jogar é, sem dúvida, um verbo intensamente dinâmico. Os discursos mais herméticos e os menos, os que o não são e mesmo assim sobrevivem, os que apostam e ganham no trivial, todos, parece-me, jogam. Por todo o lado, sobre as matérias, uma das novidades do contemporâneo, e que as escritas transportam, é a arte do multiplicar com sedimentação veloz ou volatilização dos sentidos. A escrita obriga a sobreviver, o que já é um bom programa. Isto sendo uma lareira, a es-

crita é a lenha que alimenta o fogo. E por escrita entendamos os sinais para um qualquer outro entendimento. No teatro, a escrita é para que possamos viver. Compondo a representação desejada, e mesmo que as experiências de uns e de outros — público e criadores — nunca cheguem a diluir-se, e eventualmente a transcender-se por efeito do choque na diluição, a escrita, ao inventar o mundo, oferece a ilusão da sua realidade. Fugaz, a representação no teatro dura o que os presentes quiserem que dure, mas tendo sido criada e apreendida ela foi vivida. A vida continua.

Talvez que o silêncio seja para a música o que a antimatéria é para a matéria, mas continuamos falando dele, a maior parte das vezes como um amigo. Desconhecido. O que ele nos obriga a compreender! E no entanto, é um ausente. Dizendo o invisível podemos ver o indizível. E o jogo pode criar muitas mais charadas para o entretenimento geral. Mas aproxima-se um instante único na história da humanidade e desta vez verdadeiramente singular: a experiência física de Marte. Pela primeira vez, numa viagem, uma ou mais pessoas poderão deixar de viver a Terra. No horizonte.

Por cá, continuaremos a escrever.

Origem dos textos

“O perfume no teatro” — Encontro *Cena Lusófona* em S. Paulo, Brasil, 1998; Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa, Junho de 1999.

“Algures entre a resposta e a interrogação” — Comunicação em Seminário “*Escrita Dramática*”, CESE — *Escola Superior de Teatro e Cinema, Amadora*, Janeiro de 1999.

“Verdades em Sófocles” — *Encontro Internacional de Dramaturgos*, Rio de Janeiro e Fortaleza, Brasil, 1998.

“Love Story Hotel precisa-se” — Comunicação em Seminário “*Escrita do Texto Dramático*” — *Escola Superior de Teatro e Cinema*, e publicação em “*Teatro escritos* — revista de ensaio e ficção”, IPAE e Livros Cotovia, Lisboa, 1999.

“No teatro, o texto tira os pecados do mundo?” — Fórum Nacional de Teatro Amador, Aveiro, Novembro de 1998.

“O potencial estético das andorinhas” — Comunicação para Seminário e Semestre, respectivamente em “*Escrita do texto Dramático*” — Escola Superior de Teatro e Cinema, e “*Oficina de Escrita do Texto Dramático*” — Estudos Teatrais — Universidade de Évora — Amadora e Évora, Outubro de 1999.

“Sei que és astrónomo mas interessa-me falar de hortas” — Comunicação para “*Oficina de Escrita do Texto Dramático*” — Estudos Teatrais — Universidade de Évora, Fevereiro de 1999.

“O texto para teatro, uma natureza morta, digo” — Encontro em *Escola da Escrita e da Leitura*, Associação Portuguesa de Escritores, Lisboa, Janeiro de 2000.

“Quando os poetas andam no teatro” — Comunicação em Colóquio, no âmbito do Festival de Teatro Português em França, Paris, França, Novembro de 1999, e publicação em *Cadernos BIS*, Teatro Nacional S. João/Dramat, Porto, 2000.

“O mundo como cenário ou a preguiça em compreender” — Comunicação em Aula de “Filosofia Contemporânea”, Prof. Nuno Nabais, Faculdade Letras da Universidade de Lisboa, 1997, e publicação em “Dramas” — Revista de Comunicação e Linguagens — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Edições Cosmos, Lisboa, 1998.

“Além, no teatro” — Texto de Programa para o espectáculo “*Além as estrelas são a nossa casa*”, pel’ “A Escola da Noite”, Coimbra, 2000; “Teatro da Malaposta”, Olival Basto, 2001.

“Cada vez mais perto da produção de células imortais” — Encontro DRAMADORA 2000, Escola Superior de Teatro e Cinema, Amadora, Julho de 2000.

“O que distingue um teatro de um estádio ou de uma arena ou da rua ou de uma sala com sofá?” — Comunicação para Seminário e Semestre, respectivamente em “*Escrita do Texto Dramático*” — Escola Superior de Teatro e Cinema, e “*Oficina de Escrita do Texto Dramático*” — Estudos Teatrais/Universidade de Évora — Amadora e Évora, Outubro de 2000.

“*Boops boops* é nome de Boga-do-Mar” — Bar Targus — APAD (Associação Portuguesa de Argumentistas e Dramaturgos), Julho de 2001.

“Os textos não caem do céu” — La Mousson d’été 2001, Abbaye des Prémontrés — Pont-à-Mousson, França, Agosto de 2001.

“Quarteladas e aviões furtivos” — Comunicação para “*Oficina de Escrita do Texto Dramático*” — Estudos Teatrais — Universidade de Évora — Évora, Outubro de 2001.

“A reserva” — Comunicação para III Encontro Internacional de Dramaturgia de la Valdigna, Valência, Espanha, 2002 e edição em «Hipertexto e Enciclopedia-Laboratório Hipertextual», Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2002.

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/o_pombo>

“Que esperança há em cima dos palcos?” — *Las Puertas del Drama* Revista de Asociación Autores de Teatro — Madrid, 2002.